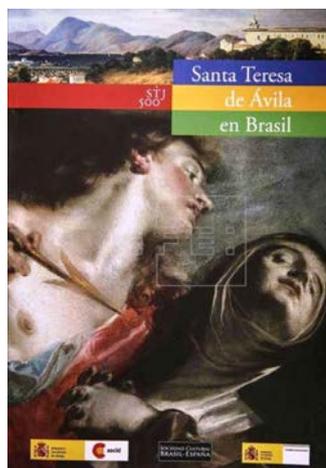


## Resenha – *Santa Teresa de Ávila en Brasil*

Pedro Garcez Ghirardi<sup>1</sup>



Begoña Sáez Martínez (org.), *Santa Teresa de Ávila en Brasil*. Rio de Janeiro, 2015.

Patrocinada pela Embaixada da Espanha e lançada no encerramento do Quinto Centenário de nascimento de Teresa de Jesus, esta obra chama a atenção para a importância que assume no Brasil o legado de Teresa. Legado que vem frutificando desde os tempos coloniais, mas que em nossos dias parece revelar riquezas inexploradas. “Muchas Teresas” podem encontrar-se em uma só mulher, diz acertadamente a organizadora do volume (p.17): se a reformadora do Carmelo e mestra da vida de oração continua a inspirar seguidores e estudiosos, parece que a “destemida Teresa” (como diz Nélide Piñon, em afetuosa apresentação), combativa e precursora, é a que mais próxima se mostra dos brasileiros de hoje.

Dos brasileiros e, principalmente, das brasileiras. Neste volume, cujos sete capítulos são quase todos de autoria feminina (a exceção é o texto de Dante Marcello C. Gallian), sobressai desde o início um perfil de mulher bem consciente de sua condição feminina, se não feminista *avant la lettre*. Já o alentado ensaio inicial da organizadora enfatiza a visão “desoladora” com que a época de Teresa encarava a mulher (p.14). O primeiro capítulo, devido a Lúcia Pedrosa-Pádua, estudiosa da espiritualidade teresiana, não hesita em notar que Teresa exerce ação “feminista” em contexto “radicalmente antifeminista” (p.23). Certo é que hoje é precisamente a condição feminina o que mais vem abrindo caminhos para mulheres e homens que buscam encontrar-se com Teresa e seus escritos. Isto ocorre no Brasil (para ficarmos no foco deste livro) com autoras como Rachel de Queiroz, Adélia Prado e a própria Nélide Piñon, “figuras femeninas que entablan diálogo con la escritora” (p. 81), como ressalta María de la Concepción Piñero Valverde, em inovadora síntese sobre a presença teresiana na literatura brasileira. Síntese que resgata nomes da poesia

---

<sup>1</sup>. Prof. Titular aposentado do DLM-FFLCHUSP.

colonial, como Ângela Rangel, sem esquecer as vozes masculinas desse diálogo, de Botelho de Oliveira a Manuel Bandeira e Murilo Mendes.

Os capítulos até agora citados e o ensaio inicial contemplam a figura de Teresa, sua espiritualidade, seu poder inspirador para a criação literária. À obra reformadora de Teresa e, mais especificamente, à memória do convento carioca que leva seu nome, dedica-se Dante Marcello C. Gallian, em contribuição notável, particularmente no tocante à figura da Madre Maria José de Jesus (p.49-50). Esta ilustre filha de Capistrano de Abreu tornou-se um dos ícones do Carmelo brasileiro e foi também a primeira tradutora brasileira da obra teresiana. Este aspecto é desenvolvido pela organizadora em páginas sobre as traduções brasileiras da obra de Teresa, páginas que ressaltam com justo entusiasmo o papel precursor de Maria José de Jesus, de tal modo absorvida por essa tarefa que se dizia “vendida à minha santa Madre” (p.61).

A Silvia Fernandes e Roberta Orazem devemos dois estudos mais específicos. A primeira autora assume o propósito original, mas árduo, de estabelecer paralelos entre o percurso místico teresiano e algumas experiências religiosas afro-brasileiras contemporâneas. Roberta Orazem, como estudiosa de iconografia, trata com propriedade da representação do fenômeno místico da Transverberação teresiana em igrejas do Nordeste brasileiro. Diga-se a propósito que neste capítulo, como em todos os demais, a riqueza e beleza das reproduções iconográficas constituem atração particular: desde a capa até as páginas finais, quem quer que folheie o livro certamente ficará encantado diante de alguns exemplos do que a figura de Teresa vem inspirando no mundo da criação artística. Enfim, o excelente estudo conclusivo, das Carmelitas Descalças do Convento de Santa Teresa do Rio de Janeiro, mostra-nos como continua a florescer no Brasil a árvore plantada na Espanha pela “Santa Madre”.

Só o texto das Carmelitas, salvo engano meu, tem o mérito de evocar a mais antiga comunidade feminina brasileira inspirada por Teresa de Jesus: o Recolhimento de Santa Teresa, fundado na São Paulo colonial, em 1685 (p.126). Já no século XVII algumas brasileiras da colônia se reuniam sob inspiração de Teresa de Jesus. Precediam, pois, em cerca de meio século, o Recolhimento fundado no Rio do século XVIII por Jacinta de São José (p. 122). É certo que, pouco após a morte desta venerável fundadora, seu Recolhimento alcançou, como ela desejara, a aprovação romana e a incorporação canônica à Ordem do Carmelo, tornando-se Convento de Santa Teresa (p.124). Mesmo sem desconhecer o peso desta “sanção oficial”, surpreende que neste livro sobre Teresa e o Brasil tenha ficado quase esquecido aquele núcleo teresiano seiscentista, o primeiro em terras brasileiras.

Para avaliar a importância deste livro recém-lançado, basta dizer que escritores como frei Beto e Leonardo Boff já o tem recomendado. Mas todos os que tiverem o privilégio de conhecê-lo certamente o recomendarão também. E aqui caberia, talvez, um reparo, dentre poucos outros que se poderiam fazer: é que o livro fica praticamente indisponível fora de bibliotecas públicas, sendo publicação comemorativa, de comercialização proibida (p.168). Resta, como consolo dos mais afeitos à tecnologia, a possível consulta da edição eletrônica. Seja como for que se dê o acesso, é de esperar que estas páginas alcancem entre nós muitos leitores. Trata-se, afinal, de uma das mais belas homenagens prestadas a Teresa de Jesus ao longo deste Quinto Centenário que se acaba de comemorar.

Recebido para publicação em 11-04-16; aceito em 22-04-16